Apresentação e Tradução do Elogio de Helena de Górgias de Leontinos[1]

ALDO DINUCCI[*]

RESUMO

Apresento neste trabalho minha tradução a partir do grego clássico do *Elogio de Helena* de Górgias de Leontinos. Nessa obra, o sofista Górgias busca inocentar a personagem Helena de Tróia da acusação de traição, com o auxilio de sua célebre doutrina de caráter trágico sobre o enorme poder do discurso poético sobre a alma humana.
Palavras-chave: sofística, Górgias, Filosofia Clássica, trágico.

ABSTRACT

In this paper, I present my translation from the classical greek of "*The Encomium of Helen"* by Gorgias of Leontini. In this work, the sophist Gorgias attempts to liberate Helen from the charge of treason. Gorgias accomplishes this with the help of his influential tragic doctrine on the enormous power poetic discourse has on the human soul.
Keywords: Sophistry, Gorgias, Classical Philosophy, tragic.

I - Breve Apresentação da Tradução do Elogio de Helena de Górgias de Leontinos

Das obras de Górgias de Leontinos, muitas, como o *Discurso Pítico, o Discurso aos Helenos* e um dicionário temático se perderam. Outras, como o *Elogio de Aquiles* e *a Arte Oratória*, não se sabe se

[1] Recebido para publicação em 01 abril de 2009 e aprovado em junho de 2009
[*] *Doutorado em Filosofia Clássica pela PUC-RJ. Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe. Coordenador do Viva Vox, Grupo de Pesquisa em Filosofia Clássica e Helenística, empreendendo pesquisas em três campos específicos: Éticas Socráticas, Retórica Gorgiana e Lógica e Ontologia em Aristóteles. E-mail: aldodinucci@yahoo.com.br.*

realmente existiram. Do *Epitáfio* e do *Discurso Olímpico* nos chegaram apenas fragmentos. Do *Tratado do Não-Ser* temos duas paráfrases. Apenas o *Elogio de Helena* (*Helenes Enkomion*) e a *Apologia de Palamedes* (*Huper Palamedous Apologia*) nos chegaram integralmente.

O texto que ora apresento em minha tradução a partir do grego clássico do *Elogio de Helena* é crucial para a compreensão das reflexões éticas do primeiro movimento sofístico e do pensamento de Górgias. No *Elogio de Helena*, Górgias, buscando isentar a mítica personagem Helena de Tróia da acusação de ter abandonado o marido, apresenta sua célebre doutrina acerca do poder do discurso poético sobre a alma humana, mostrando que as palavras têm o poder de amedrontar, apaixonar, enganar e conduzir os seres humanos. As palavras possuem, para Górgias, o poder de retirar dos homens a autonomia, pois os homens vivem em meio às trevas da ignorância, nada tendo ao seu dispor, na maioria dos casos, senão vãs opiniões fundadas no ouvir dizer. O discurso mítico-poético, então, vem arrebatar aqueles que têm como guia tão frágeis diretrizes, implantando neles outras opiniões, que diferem daquelas por seu caráter musical e poético, arrastando-os tragicamente para outras direções. Como um rebanho, inconsciente de seu destino, é conduzido por um pastor, assim a humanidade, ignorando para onde é levada, é conduzida pelos que possuem o dom da palavra mítica e poética.

Assim, o reconhecimento do poder do mito e a conseqüente afirmação do caráter trágico da existência humana evidenciam em Górgias uma convergência entre o espírito pindárico e o trágico:

> *A poesia pindárica torna o mito diáfano, deixando transparecer nele todos os elementos que o constituem [...] Mas esses elementos [...] não colocam ainda de maneira explícita os dramáticos problemas do pensamento. Essa tarefa cabe à tragédia ática. (Untersteiner: 1993, p.160)*

Considerando os conflitos irredutíveis da existência humana expressos pela tragédia, e tomando elementos dela, sobretudo a constatação do abismo que há entre a ordem humana e a ordem da natureza, Górgias atualiza o mito de Helena, buscando mostrar que sua atitude em relação a Menelau e a Alexandre foi tragicamente

determinada por fatores que estão totalmente fora de seu controle, eximindo-a de qualquer culpabilidade.

O texto, em virtude das muitas figuras de linguagem utilizadas (as chamadas "figuras gorgianas"), bem como em virtude de seu caráter poético, espelhando a concepção retórica de Górgias, segundo a qual o discurso mais poderoso é o da poesia, é de difícil tradução. Buscamos resgatar a elegância poética do texto original sem que, no entanto, seu caráter filosófico se perdesse.

II - O Elogio de Helena de Górgias

(1) A boa ordem[2] da cidade [é] a coragem [dos seus cidadãos], a do corpo, a beleza, a da alma, a sabedoria, a da ação, a excelência, e a do discurso, a verdade. O contrário dessas coisas [é] a desordem[3]. Em relação, pois, a um homem e a uma mulher, a um discurso e a uma ação, a uma cidade e a um negócio de Estado, é necessário tanto honrar pelo elogio público o que merece o elogio público quanto infligir repreensão ao que é indigno. Igualmente, pois, é erro e ignorância tanto reprovar as coisas louváveis quanto louvar as coisas criticáveis.

(2) Cabe ao mesmo homem dizer também o que convém, com justiça, e convencer do erro os que criticam Helena, mulher em relação à qual tornou-se uníssona e unânime tanto a crença que ouvem os poetas, quanto a fama de seu nome, que se tornou memória de infortúnios. Eu anseio, oferecendo com o discurso uma explicação e revelando a verdade, suprimir a responsabilidade dela, que tem erradamente uma má reputação, e suprimir a ignorância, denunciando os que, enganados, a criticam.

(3) De fato, nem é ignorado nem é sabido por poucos que a mulher, sobre a qual trata esse discurso, [ocupa], por natureza e genealogia, o ponto mais elevado entre os mais elevados homens e mulheres. Pois do ventre de Leda foi gerada, de pai divino de fato, mas dito de mortal, Tíndaro e Zeus, dos quais este último, por ser o pai, fez boa figura, e o primeiro, por crer [ser o pai], foi tratado com desprezo; um era o mais forte dos homens, o outro, senhor absoluto de todas as coisas.

---

[2] Ordem traduz aqui *kosmos*.

[3] *Akosmia*

(4) Gerada em tais circunstâncias, era divina sua beleza, e o que ela recebeu também não passou desapercebido: inflamou a muitos com muitos desejos passionais, com seu corpo reuniu muitos corpos de homens que aspiravam grandemente a grandes coisas, os quais uns possuíam a grandeza da riqueza, outros, a glória de nobre e antiga estirpe, outros ainda, a boa constituição da própria força, outros, por fim, o poder da sabedoria adquirida. E todos chegavam sob a influência do invencível Eros, amante das honras da vitória.

(5) Com efeito, não direi quem, porque e como satisfez o desejo e tomou Helena: pois se obtém a confiança [dos ouvintes] ao falar-se de coisas de aspectos conhecidos, mas isso não leva ao prazer. Ultrapassarei, pelo discurso, o tempo de então, omitindo o princípio do discurso a que se deve chegar, e irei expor as razões graças às quais foi justo ter ocorrido a ida de Helena para Tróia.

(6) Pois ela fez o que fez ou pelos anseios da fortuna e pelas resoluções dos deuses e pelos decretos da necessidade ou agarrada à força ou seduzida pelas palavras ou capturada pela paixão. Se, pois, foi graças à primeira [razão], o responsável merece ser acusado: pois é impossível opôr-se, pela diligência humana, ao desejo divino. Pois é por natureza não o mais forte ser detido pelo mais fraco, mas o mais fraco pelo mais forte ser comandado e conduzido, e, por um lado, o mais forte comanda, por outro, o mais fraco obedece. O divino é mais forte que o homem, tanto pela força e pela sabedoria, quanto pelas demais coisas. Pois, se é necessário atribuir a responsabilidade à Fortuna e ao divino, nesse caso é necessário libertar Helena da ignomínia.

(7) Se foi arrebatada à força, ilegalmente submetida e injustamente tratada com insolência, é evidente que agiu ilegalmente quem tanto a arrebatou quanto a tratou com insolência, [enquanto] ela, sendo tanto raptada como ultrajada, teve má fortuna. Pois é o bárbaro, que lançou mãos ao bárbaro empreendimento, quem merece [a pena], tanto pelo discurso e pela lei, quanto pela ação. Pelo discurso, encontrar-se-á [condenado] pela responsabilidade, pela lei, à perda de direitos; pela ação, ao pagamento de uma multa. Sendo submetida à força, privada da pátria e afastada dos amigos, como não, com razão, ela antes inspiraria piedade que difamação? Pois ele fez coisas terríveis, ela sofreu a ação: é justo ter piedade dela e a ele odiar.

(8) Se o discurso a persuadiu e sua alma enganou, não é difícil, quanto a isso, defendê-la e, assim, liberá-la da responsabilidade. O discurso é um grande e soberano senhor, o qual, com um corpo

pequeníssimo e invisibilíssimo, diviníssimas ações opera. É possível, pois, pelas palavras, tanto o medo acalmar e a dor afastar quanto a alegria engendrar e a compaixão intensificar. Que assim são essas coisas, mostrarei.

(9) É necessário também demonstrar, pela opinião, aos ouvintes: considero e designo toda poesia como discurso metrificado. Um estremecimento de medo repleto de espanto, uma compaixão que provoca lágrimas abundantes, um sentimento de nostalgia entra no espírito dos que a ouvem. A alma é afetada (uma afecção que lhe é própria), através das palavras, pelos sucessos e insucessos que concernem a outras coisas e outros seres animados. Mas passemos de um a outro discurso.

(10) Pois os mágicos e sedutores cantos, através das palavras, inspirados pelos Deuses, produzem prazer afastando a dor. Pois o poder do mágico canto, que nasce com a opinião da alma, encanta-a, persuade-a e modifica-a por fascinação. Duas artes são descobertas: a fascinação e a magia, que são as instabilidades do espírito e os enganos da opinião.

(11) Quantos persuadiram e persuadem outros tantos a propósito de outras tantas coisas forjando um falso discurso! Se, pois, todos, sobre todas as coisas, tivessem tanto a memória das coisas passadas quanto a noção das coisas presentes e a presciência das coisas futuras, o discurso não seria o mesmo para os que agora não podem facilmente nem lembrar o passado nem examinar o presente nem predizer o futuro. De modo que os muitos, sobre muitas coisas, buscam com a alma a opinião conselheira. A opinião, sendo incerta e inconstante, lança a incertos e inconstantes sucessos os que a ela se confiam.

(12) Pois que motivo impede ter também Helena ido semelhantemente sob a influência das palavras, não agindo de modo espontâneo, do mesmo modo que se fosse abraçada por poderosíssima força? Na verdade, o modo de ser da Persuasão[4] de maneira alguma se parece à necessidade, mas tem o mesmo poder. Pois o discurso persuasivo persuade[5] a alma, constrangendo-a tanto a crer nas coisas

---

[4] Górgias se refere aqui a *Peitho*, a deusa da persuasão.

[5] Esta repetição é proposital no texto gorgiano: *logos gar psychen ho peisas hen epeisen*.

ditas quanto a concordar com as coisas feitas. De fato, aquele que a persuadiu e a constrangeu é injusto, aquela que foi persuadida e constrangida tem uma reputação desonrosa em vão.

(13) [Quanto ao fato de] que a Persuasão, enquanto propriedade do discurso, modela também a alma como quiser, é necessário primeiro observar os discursos dos meteorologistas, os quais, descartando uma opinião por preferência a outra opinião por eles engendrada, fazem surgir coisas inacreditáveis e invisíveis aos olhos, através da opinião. Em segundo lugar, as necessárias assembléias, nas quais um único discurso, composto por arte, mas não dizendo verdades, encanta e persuade numerosa multidão; em terceiro lugar, os combates dos discursos dos filósofos, nos quais a rapidez do pensamento se mostra modificando facilmente a crença da opinião.

(14) A mesma relação tem também a potência do discurso para com a boa ordem da alma e a potência dos medicamentos com relação ao estado natural dos corpos, pois, do mesmo modo que certos medicamentos expulsam do corpo certos humores, e uns suprimem a doença, outros, a vida, do mesmo modo também, entre as palavras, umas afligem, outras encantam, outras amedrontam, outras estabelecem confiança nos ouvintes, outras, através de sórdida persuasão, envenenam e enganam a alma.

(15) E que se diga: se foi convencida pelo discurso, não cometeu uma injustiça, mas foi desafortunada. Passo a expor, pelo quarto argumento, a quarta razão. Pois, se foi Éros quem realizou todas essas coisas, não dificilmente será subtraída a responsabilidade surgida do erro que se diz ter-se produzido. Pois as coisas que vemos têm a qualidade que cabe a cada uma e não a que queremos. Através da visão, a alma é atingida também em seus modos de pensar e agir.

(16) De fato, por exemplo, quando a vista contempla a formação e os corpos dos inimigos, diante do armamento de bronze e de ferro, tanto das armas de defesa quanto das armaduras, a visão é agitada e agita a alma, de modo que, freqüentemente, tomados de terror, [muitos] fogem do perigo iminente como se esse fosse presente. Pois a maneira de ser habitual, fortalecida pela lei, é banida graças à visão, a qual, chegando [à alma], faz negligenciar tanto o que é decidido pela lei quanto o bem que advém pela vitória.

(17) A partir disso, alguns que vêem coisas terríveis perdem, neste preciso momento, a presença de espírito: de modo que o medo extingue e expulsa a reflexão. Muitos recaem em inúteis sofrimentos, em terríveis doenças e em loucuras difíceis de curar, de tal modo a

visão grava [na alma] as imagens das coisas vistas. E muitas coisas apavorantes são omitidas [desse discurso], mas as coisas omitidas têm o mesmo valor que as coisas ditas.

(18) Por um lado, quando os pintores produzem à perfeição um corpo e uma figura a partir de numerosos corpos e cores, encantam a visão. Por outro lado, a criação de estátuas de homens e a produção de imagens dos deuses oferecem uma doce contemplação aos olhos. De modo que, por natureza, umas coisas inquietam, outras apaixonam a visão. Numerosos corpos (entre numerosos corpos e coisas) fazem nascer desejos sensuais e paixão em numerosos homens.

(19) Se, com efeito, o olhar de Helena foi atingido pelo desejo do corpo de Alexandre e transmitiu o combate de Éros à alma, que há de extraordinário? Se ele, sendo um deus, tem o poder divino dos Deuses, como seria possível o mais fraco afastá-lo de si? Se for uma doença humana e um erro cometido por um falso saber da alma, não deve como erro ser criticado, mas como infortúnio: foi, pois, como foi pelas ciladas da Fortuna, não pelos anseios do pensamento; e pelos constrangimentos de Éros, não pelos ardis da arte.

(20) De fato, como é necessário crer justa a repreensão de Helena, a qual fez as coisas que fez seja apaixonada, seja persuadida pelo discurso e pela força tomada, seja constrangida sob a influência da divina Necessidade? Subtrai-se [dela] completamente a responsabilidade.

(21) Afastei pelo discurso a ignomínia da mulher, e permaneci fiel à regra que estabeleci no princípio do discurso: tentei, com palavras, destruir a injustiça da ignomínia e a ignorância da opinião; desejei apresentar por escrito o discurso de Helena como um elogio e, no que me concerne, como um jogo.

ΓΟΡΓΙΟΥ ΕΛΕΝΗΣ ΕΓΚΩΜΙΟΝ

(1) Κόσμος πόλει μὲν εὐανδρία, σώματι δὲ κάλλος, ψυχῆι δὲ σοφία, πράγματι δὲ ἀρετή, λόγωι δὲ ἀλήθεια· τὰ δὲ ἐναντία τούτων ἀκοσμία. ἄνδρα δὲ καὶ γυναῖκα καὶ λόγον καὶ ἔργον καὶ πόλιν καὶ πρᾶγμα χρὴ τὸ μὲν ἄξιον ἐπαίνου ἐπαίνωι τιμᾶν, τῶι δὲ ἀναξίωι μῶμον ἐπιτιθέναι· ἴση γὰρ ἁμαρτία καὶ ἀμαθία μέμφεσθαί τε τὰ ἐπαινετὰ καὶ ἐπαινεῖν τὰ μωμητά.

(2) τοῦ δ' αὐτοῦ ἀνδρὸς λέξαι τε τὸ δέον ὀρθῶς καὶ ἐλέγξαι *** τοὺς μεμφομένους Ἑλένην, γυναῖκα περὶ ἧς ὁμόφωνος καὶ ὁμόψυχος γέγονεν ἥ τε τῶν

ποιητῶν ἀκουσάντων πίστις ἥ τε τοῦ ὀνόματος φήμη, ὃ τῶν συμφορῶν μνήμη γέγονεν. ἐγὼ δὲ βούλομαι ογισμόν τινα τῶι λόγωι δοὺς τὴν μὲν κακῶς ἀκούουσαν παῦσαι τῆς αἰτίας, τοὺς δὲ μεμφομένους ψευδομένους ἐπιδείξας καὶ δείξας τἀληθὲς [ἢ] παῦσαι τῆς ἀμαθίας.

(3) ὅτι μὲν οὖν φύσει καὶ γένει τὰ πρῶτα τῶν πρώτων ἀνδρῶν καὶ γυναικῶν ἡ γυνὴ περὶ ἧς ὅδε ὁ λόγος, οὐκ ἄδηλον οὐδὲ ὀλίγοις. δῆλον γὰρ ὡς μητρὸς μὲν Λήδας, πατρὸς δὲ τοῦ μὲν γενομένου θεοῦ, λεγομένου δὲ θνητοῦ, Τυνδάρεω καὶ Διός, ὧν ὁ μὲν διὰ τὸ εἶναι ἔδοξεν, ὁ δὲ διὰ τὸ φάναι ἠλέγχθη, καὶ ἦν ὁ μὲν ἀνδρῶν κράτιστος ὁ δὲ πάντων τύραννος.

(4) ἐκ τοιούτων δὲ γενομένη ἔσχε τὸ ἰσόθεον κάλλος, ὃ λαβοῦσα καὶ οὐ λαθοῦσα ἔσχε· πλείστας δὲ πλείστοις ἐπιθυμίας ἔρωτος ἐνειργάσατο, ἑνὶ δὲ σώματι πολλὰ σώματα συνήγαγεν ἀνδρῶν ἐπὶ μεγάλοις μέγα φρονούντων, ὧν οἱ μὲν πλούτου μεγέθη, οἱ δὲ εὐγενείας παλαιᾶς εὐδοξίαν, οἱ δὲ ἀλκῆς ἰδίας εὐεξίαν, οἱ δὲ σοφίας ἐπικτήτου δύναμιν ἔσχον· καὶ ἧκον ἅπαντες ὑπ' ἔρωτός τε φιλονίκου φιλοτιμίας τε ἀνικήτου.

(5) ὅστις μὲν οὖν καὶ δι' ὅτι καὶ ὅπως ἀπέπλησε τὸν ἔρωτα τὴν Ἑλένην λαβών, οὐ λέξω· τὸ γὰρ τοῖς εἰδόσιν ἃ ἴσασι λέγειν πίστιν μὲν ἔχει, τέρψιν δὲ οὐ φέρει. τὸν χρόνον δὲ τῶι λόγωι τὸν τότε νῦν ὑπερβὰς ἐπὶ τὴν ἀρχὴν τοῦ μέλλοντος λόγου προβήσομαι, καὶ προθήσομαι τὰς αἰτίας, δι' ἃς εἰκὸς ἦν γενέσθαι τὸν τῆς Ἑλένης εἰς τὴν Τροίαν στόλον.

(6) ἢ γὰρ Τύχης βουλήμασι καὶ θεῶν βουλεύμασι καὶ Ἀνάγκης ψηφίσμασιν ἔπραξεν ἃ ἔπραξεν, ἢ βίαι ἁρπασθεῖσα, ἢ λόγοις πεισθεῖσα, <ἢ ἔρωτι ἁλοῦσα>. εἰ μὲν οὖν διὰ τὸ πρῶτον, ἄξιος αἰτιᾶσθαι ὁ αἰτιώμενος· θεοῦ γὰρ προθυμίαν ἀνθρωπίνηι προμηθίαι ἀδύνατον κωλύειν. πέφυκε γὰρ οὐ τὸ κρεῖσσον ὑπὸ τοῦ ἥσσονος κωλύεσθαι, ἀλλὰ τὸ ἧσσον ὑπὸ τοῦ κρείσσονος ἄρχεσθαι καὶ ἄγεσθαι, καὶ τὸ μὲν κρεῖσσον ἡγεῖσθαι, τὸ δὲ ἧσσον ἕπεσθαι. θεὸς δ' ἀνθρώπου κρεῖσσον καὶ βίαι καὶ σοφίαι καὶ τοῖς ἄλλοις. εἰ οὖν τῆι Τύχηι καὶ τῶι θεῶι τὴν αἰτίαν ἀναθετέον, [ἢ] τὴν Ἑλένην τῆς δυσκλείας ἀπολυτέον.

(7) εἰ δὲ βίαι ἡρπάσθη καὶ ἀνόμως ἐβιάσθη καὶ ἀδίκως ὑβρίσθη, δῆλον ὅτι ὁ <μὲν> ἁρπάσας ὡς ὑβρίσας ἠδίκησεν, ἡ δὲ ἁρπασθεῖσα ὡς ὑβρισθεῖσα ἐδυστύχησεν. ἄξιος οὖν ὁ μὲν ἐπιχειρήσας βάρβαρος βάρβαρον ἐπιχείρημα καὶ λόγωι καὶ νόμωι καὶ ἔργωι λόγωι μὲν αἰτίας, νόμωι δὲ ἀτιμίας, ἔργωι δὲ ζημίας τυχεῖν· ἡ δὲ βιασθεῖσα καὶ τῆς πατρίδος στερηθεῖσα καὶ τῶν φίλων ὀρφανισθεῖσα πῶς οὐκ ἂν εἰκότως ἐλεηθείη μᾶλλον ἢ κακολογηθείη; ὁ μὲν γὰρ ἔδρασε δεινά, ἡ δὲ ἔπαθε· δίκαιον οὖν τὴν μὲν οἰκτῖραι, τὸν δὲ μισῆσαι.

(8) εἰ δὲ λόγος ὁ πείσας καὶ τὴν ψυχὴν ἀπατήσας, οὐδὲ πρὸς τοῦτο χαλεπὸν ἀπολογήσασθαι καὶ τὴν αἰτίαν ἀπολύσασθαι ὧδε. λόγος δυνάστης μέγας ἐστίν, ὃς σμικροτάτωι σώματι καὶ ἀφανεστάτωι θειότατα ἔργα ἀποτελεῖ· δύναται γὰρ καὶ φόβον παῦσαι καὶ λύπην ἀφελεῖν καὶ χαρὰν ἐνεργάσασθαι καὶ ἔλεον ἐπαυξῆσαι. ταῦτα δὲ ὡς οὕτως ἔχει δείξω·

(9) δεῖ δὲ καὶ δόξηι δεῖξαι τοῖς ἀκούουσι· τὴν ποίησιν ἅπασαν καὶ νομίζω καὶ ὀνομάζω λόγον ἔχοντα μέτρον· ἧς τοὺς ἀκούοντας εἰσῆλθε καὶ φρίκη περίφοβος καὶ ἔλεος πολύδακρυς καὶ πόθος φιλοπενθής, ἐπ' ἀλλοτρίων τε πραγμάτων καὶ σωμάτων εὐτυχίαις καὶ δυσπραγίαις ἴδιόν τι πάθημα διὰ τῶν λόγων ἔπαθεν ἡ ψυχή. φέρε δὴ πρὸς ἄλλον ἀπ' ἄλλου μεταστῶ λόγον.

(10) αἱ γὰρ ἔνθεοι διὰ λόγων ἐπωιδαὶ ἐπαγωγοὶ ἡδονῆς, ἀπαγωγοὶ λύπης γίνονται· συγγινομένη γὰρ τῆι δόξηι τῆς ψυχῆς ἡ δύναμις τῆς ἐπωιδῆς ἔθελξε καὶ ἔπεισε καὶ μετέστησεν αὐτὴν γοητείαι. γοητείας δὲ καὶ μαγείας δισσαὶ τέχναι εὕρηνται, αἵ εἰσι ψυχῆς ἁμαρτήματα καὶ δόξης ἀπατήματα.

(11) ὅσοι δὲ ὅσους περὶ ὅσων καὶ ἔπεισαν καὶ πείθουσι δὲ ψευδῆ λόγον πλάσαντες. εἰ μὲν γὰρ πάντες περὶ πάντων εἶχον τῶν <τε> παροιχομένων μνήμην τῶν τε παρόντων <ἔννοιαν> τῶν τε μελλόντων πρόνοιαν, οὐκ ἂν ὁμοίως ὅμοιος ἦν ὁ λόγος, οἷς τὰ νῦν γε οὔτε μνησθῆναι τὸ παροιχόμενον οὔτε σκέψασθαι τὸ παρὸν οὔτε μαντεύσασθαι τὸ μέλλον εὐπόρως ἔχει· ὥστε περὶ τῶν πλείστων οἱ πλεῖστοι τὴν δόξαν σύμβουλον τῆι ψυχῆι παρέχονται. ἡ δὲ δόξα σφαλερὰ καὶ ἀβέβαιος οὖσα σφαλεραῖς καὶ ἀβεβαίοις εὐτυχίαις περι βάλλει τοὺς αὐτῆι χρωμένους.

(12) †τίς οὖν αἰτία κωλύει καὶ τὴν Ἑλένην ὕμνος ἦλθεν ὁμοίως ἂν οὐ νέαν οὖσαν ὥσπερ εἰ βιατήριον βία ἡρπάσθη. τὸ γὰρ τῆς πειθοῦς ἐξῆν ὁ δὲ νοῦς καίτοι εἰ ἀνάγκη ὁ εἰδὼς ἕξει μὲν οὖν, τὴν δὲ δύναμιν τὴν αὐτὴν ἔχει. λόγος γὰρ ψυχὴν ὁ πείσας, ἣν ἔπεισεν, ἠνάγκασε καὶ πιθέσθαι τοῖς λεγομένοις καὶ συναινέσαι τοῖς ποιουμένοις. ὁ μὲν οὖν πείσας ὡς ἀναγκάσας ἀδικεῖ, ἡ δὲ πεισθεῖσα ὡς ἀναγκασθεῖσα τῶι λόγωι μάτην ἀκούει κακῶς.

(13) ὅτι δ' ἡ πειθὼ προσιοῦσα τῶι λόγωι καὶ τὴν ψυχὴν ἐτυπώσατο ὅπως ἐβούλετο, χρὴ μαθεῖν πρῶτον μὲν τοὺς τῶν μετεωρολόγων λόγους, οἵτινες δόξαν ἀντὶ δόξης τὴν μὲν ἀφελόμενοι τὴν δ' ἐνεργασάμενοι τὰ ἄπιστα καὶ ἄδηλα φαίνεσθαι τοῖς τῆς δόξης ὄμμασιν ἐποίησαν· δεύτερον δὲ τοὺς ἀναγκαίους διὰ λόγων ἀγῶνας, ἐν οἷς εἷς λόγος πολὺν ὄχλον ἔτερψε καὶ ἔπεισε τέχνηι γραφείς, οὐκ ἀληθείαι λεχθείς· τρίτον <δὲ> φιλοσόφων λόγων ἁμίλλας, ἐν αἷς δείκνυται καὶ γνώμης τάχος ὡς εὐμετάβολον ποιοῦν τὴν τῆς δόξης πίστιν.

(14) τὸν αὐτὸν δὲ λόγον ἔχει ἥ τε τοῦ λόγου δύναμις πρὸς τὴν τῆς ψυχῆς τάξιν ἥ τε τῶν φαρμάκων τάξις πρὸς τὴν τῶν σωμάτων φύσιν. ὥσπερ γὰρ τῶν φαρμάκων ἄλλους ἄλλα χυμοὺς ἐκ τοῦ σώματος ἐξάγει, καὶ τὰ μὲν νόσου τὰ δὲ βίου παύει, οὕτω καὶ τῶν λόγων οἱ μὲν ἐλύπησαν, οἱ δὲ ἔτερψαν, οἱ δὲ ἐφόβησαν, οἱ δὲ εἰς θάρσος κατέστησαν τοὺς ἀκούοντας, οἱ δὲ πειθοῖ τινι κακῆι τὴν ψυχὴν ἐφαρμάκευσαν καὶ ἐξεγοήτευσαν.

(15) καὶ ὅτι μέν, εἰ λόγωι ἐπείσθη, οὐκ ἠδίκησεν ἀλλ' ἠτύχησεν, εἴρηται· τὴν δὲ τετάρτην αἰτίαν τῶι τετάρτωι λόγωι διέξειμι. εἰ γὰρ ἔρως ἦν ὁ ταῦτα πάντα πράξας, οὐ χαλεπῶς διαφεύξεται τὴν τῆς λεγομένης γεγονέναι ἁμαρτίας αἰτίαν. ἃ γὰρ ὁρῶμεν, ἔχει φύσιν οὐχ ἣν ἡμεῖς θέλομεν, ἀλλ' ἣν ἕκαστον ἔτυχε· διὰ δὲ τῆς ὄψεως ἡ ψυχὴ κἀν τοῖς τρόποις τυποῦται.

(16) αὐτίκα γὰρ ὅταν πολέμια σώματα [καὶ] πολέμιον ἐπὶ πολεμίοις ὁπλίσηι κόσμον χαλκοῦ καὶ σιδήρου, τοῦ μὲν ἀλεξητήριον τοῦ δὲ † προβλήματα, εἰ θεάσεται ἡ ὄψις, ἐταράχθη καὶ ἐτάραξε τὴν ψυχήν, ὥστε πολλάκις κινδύνου τοῦ μέλλοντος <ὡς> ὄντος φεύγουσιν ἐκπλαγέντες. ἰσχυρὰ γὰρ ἡ συνήθεια τοῦ νόμου διὰ τὸν φόβον ἐξωικίσθη τὸν ἀπὸ τῆς ὄψεως, ἥτις ἐλθοῦσα ἐποίησεν ἀμελῆσαι καὶ τοῦ καλοῦ τοῦ διὰ τὸν νόμον κρινομένου καὶ τοῦ ἀγαθοῦ τοῦ διὰ τὴν νίκην γινομένου.

(17) ἤδη δέ τινες ἰδόντες φοβερὰ καὶ τοῦ παρόντος ἐν τῶι παρόντι χρόνωι φρονήματος ἐξέστησαν· οὕτως ἀπέσβεσε καὶ ἐξήλασεν ὁ φόβος τὸ νόημα. πολλοὶ δὲ ματαίοις πόνοις καὶ δεινοῖς νόσοις καὶ δυσιάτοις μανίαις περιέπεσον· οὕτως εἰκόνας τῶν ὁρωμένων πραγμάτων ἡ ὄψις ἐνέγραψεν ἐν τῶι φρονήματι. καὶ τὰ μὲν δειματοῦντα πολλὰ μὲν παραλείπεται, ὅμοια δ' ἐστὶ τὰ παραλειπόμενα οἷάπερ <τὰ> λεγόμενα.

(18) ἀλλὰ μὴν οἱ γραφεῖς ὅταν ἐκ πολλῶν χρωμάτων καὶ σωμάτων ἓν σῶμα καὶ σχῆμα τελείως ἀπεργάσωνται, τέρπουσι τὴν ὄψιν· ἡ δὲ τῶν ἀνδριάντων ποίησις καὶ ἡ τῶν ἀγαλμάτων ἐργασία θέαν ἡδεῖαν παρέσχετο τοῖς ὄμμασιν. οὕτω τὰ μὲν λυπεῖν τὰ δὲ ποθεῖν πέφυκε τὴν ὄψιν. πολλὰ δὲ πολλοῖς πολλῶν ἔρωτα καὶ πόθον ἐνεργάζεται πραγμάτων καὶ σωμάτων.

(19) εἰ οὖν τῶι τοῦ Ἀλεξάνδρου σώματι τὸ τῆς Ἑλένης ὄμμα ἡσθὲν προθυμίαν καὶ ἅμιλλαν ἔρωτος τῆι ψυχῆι παρέδωκε, τί θαυμαστόν; ὃς εἰ μὲν θεὸς <ὢν ἔχει> θεῶν θείαν δύναμιν, πῶς ἂν ὁ ἥσσων εἴη τοῦτον ἀπώσασθαι καὶ ἀμύνασθαι δυνατός; εἰ δ' ἐστὶν ἀνθρώπινον νόσημα καὶ ψυχῆς ἀγνόημα, οὐχ ὡς ἁμάρτημα μεμπτέον ἀλλ' ὡς ἀτύχημα νομιστέον· ἦλθε γάρ, ὡς ἦλθε, τύχης ἀγρεύμασιν, οὐ γνώμης βουλεύμασιν, καὶ ἔρωτος ἀνάγκαις, οὐ τέχνης παρασκευαῖς.

(20) πῶς οὖν χρὴ δίκαιον ἡγήσασθαι τὸν τῆς Ἑλένης μῶμον, ἥτις εἴτ' ἐρασθεῖσα εἴτε λόγωι πεισθεῖσα εἴτε βίαι ἁρπασθεῖσα εἴτε ὑπὸ θείας ἀνάγκης ἀναγκασθεῖσα ἔπραξεν ἃ ἔπραξε, πάντως διαφεύγει τὴν αἰτίαν;

(21) ἀφεῖλον τῶι λόγωι δύσκλειαν γυναικός, ἐνέμεινα τῶι νόμωι ὃν ἐθέμην ἐν ἀρχῆι τοῦ λόγου· ἐπειράθην καταλῦσαι μώμου ἀδικίαν καὶ δόξης ἀμαθίαν, ἐβουλήθην γράψαι τὸν λόγον Ἑλένης μὲν ἐγκώμιον, ἐμὸν δὲ παίγνιον.

Referências Bibliográficas:

ARISTÓTELES. *Retórica*. (trad. Antônio Pinto de carvalho). São Paulo: Technoprint, 1980.

AUBENQUE. *Le Problème de L'être chez Aristote*. 2 ed. Paris: Quadrige, 1994.

BARBOSA & CASTRO. *Górgias: Testemunhos e Fragmentos*. Lisboa: Colibri, 1993.

BETT. "The Sophists and Relativism" in Phronesis, 34 (1989) p. 139-69.

BORNHEIM, Gerd. *O Sentido e a Máscara.* 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASSIN. *L'Effect Sophistique*. Paris: Gallimard, 1995.

DIELS-KRANZ. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. 6 ed. Berlim, 1952.

DUPRÉEL. *Les Sophistes Protágoras, Górgias, Hippias*. Neuchatel: Griffon, 1948.

GOMPERZ, H. *Sophistic und Rethoric*. Leipzig, 1912.

GUTHRIE, W. K. C. *History of Philosophy*. Vol 3. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

HOMERO. *Odisséia* (trad. Antônio Pinto de Carvalho). São Paulo: Abril Cultural, 1981.

ISÓCRATES. *Discourses*. (trad. La Rue Van Hook). Londres: Harvard University Press, 1964.

KERFERD, G. B. *The Sophistic Moviment*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

LEVI, A. "Studi su Gorgia" in Discurso, XIV, 1941, p. 38 ss.

MOURELATOS. "Gorgias on the Fonction of language" in SicGymn, XXXVIII, 1985, P. 607- 638.

SEXTO EMPÍRICO. *Complete Works*. (trad. R. G. Bury). 4 ed. Londres: Harvard University Press, 1987.

UNTERSTEINER. *Les Sophistes* vol. 1 (trad. Alonso Tordesillas). Paris: Vrin, 1993, p. 214- 226.

VERNANT. *Mito y Tragedia en la Grecia Antigua.* vol. II. (trad. Ana Iriarte). Madrid: Taurus, 1989.